

pal. O Januário cantou ardentemente as endechas românticas do nosso tempo:

*Ontem de tarde, ao sol-posto.
Contemplavas, silenciosa.
A torrente caudalosa
Que refervia a teus pés...*

É o José Matias, encostado ao parapeito da ponte, com a alma e os olhos perdidos na Lua! — Porque não acompanha o meu amigo este moço interessante ao Cemitério dos Prazeres. Eu tenho uma tipóia, de praça e com número, como convém a um professor de Filosofia... O quê! Por causa das calças claras! Oh meu caro amigo! De todas as materializações da simpatia, nenhuma mais grosseiramente material do que a casimira preta. E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista!

Vem o caixão saindo da igreja... Apenas três carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Matias morreu há seis anos, no seu puro brilho. Esse, que aí levamos, meio decomposto, dentro de tábuas agaloadas de amarelo, é um resto de bêbedo, sem história e sem nome, que o frio de Fevereiro matou no vão de um portal.

O sujeito de óculos de ouro, dentro do *coupé*?... Não conheço, meu amigo. Talvez um parente rico, desses que aparecem nos enterros, com o parentesco correctamente coberto de fumo, quando o defunto já não importuna, nem compromete. O homem obeso de carão amarelo, dentro da vitória, é o Alves «Capão», que tem um jornal onde desgraçadamente a filosofia não abunda, e que se chama a «Piada». Que relação o prendia ao Matias?... Não sei. Talvez se embebedassem nas mesmas tasças: talvez o José Matias ultimamente colaborasse na «Piada»; talvez debaixo daquela gordura e daquela literatura, ambas tão sórdidas, se abrigue uma alma compassiva. Agora é a nossa tipóia... Quer que desça a vidraça? Um cigarro.

Eu trago fósforos. Pois este José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão. Em Coimbra sempre o considerámos como uma alma escandalosamente banal. Para este juízo concorria talvez a sua horrenda correcção. Nunca um rasgão brilhante na batina! Nunca uma poeira estouvada nos sapatos! Nunca um pêlo rebelde do cabelo ou do bigode fugido daquele rígido alinhamento que nos desolava! Além disso, na nossa ardente geração, ele foi o único intelectual que não rugiu com as misérias da Polónia; que leu sem palidez ou pranto as «Contemplações»; que permaneceu insensível ante a ferida de Garibaldi! E todavia, nesse José Matias, nenhuma secura ou dureza ou egoísmo ou desafabilidade! Pelo contrário! Um suave camarada, sempre cordial, e mansamente risonho. Toda a sua inabalável quietação parecia provir de uma imensa superficialidade sentimental. E, nesse tempo, não foi sem razão e propriedade que nós alcunhámos aquele moço tão macio, tão louro e tão ligeiro, de «Matias Coração de Esquilo». Quando se formou, como lhe morrera o pai, depois a mãe, delicada e linda senhora de quem herdara cinquenta contos, partiu para Lisboa, alegrar a solidão de um tio que o adorava, o general visconde de Garmilde. O meu amigo sem dúvida se lembra dessa perfeita estampa de general clássico, sempre de bigodes terrivelmente encerados, as calças cor de flor de alecrim desesperadamente esticadas pelas presilhas sobre as botas coruscantes, e o chicote debaixo do braço com a ponta a tremer, ávida de vergastar o mundo! Guerreiro grotesco e deliciosamente bom... O Garmilde morava então em Arroios numa casa antiga de azulejos, com um jardim, onde ele cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dalias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto de hera que o separava de outro jardim, o largo e belo jardim de rosas do conselheiro Matos Miranda, cuja casa, com um arejado terraço entre dois torreõezinhos amarelos, se erguia no cimo do outeiro e se chamava a Casa da Parreira. O meu amigo